3. DESESPERO*

Acabo de voltar de uma sociedade onde eu era a alma: as palavras espirituosas jorravam de minha boca, todo o mundo ria, me admirava – mas eu me retirei... Fui embora e queria me matar com um tiro. Morte e inferno, posso abstrair de tudo, mas *não de mim mesmo*; não posso me esquecer de mim nem quando estou dormindo.⁶⁴

Kierkegaard, homem de profunda fé e considerado o pai do que hoje conhecemos por existencialismo, não hesitaria em afirmar que o profundo sentimento de desamparo que desde sempre acompanha o homem e que, em algum momento particular da sua existência, o aflige de maneira mais incisiva, é o ponto de partida para a possibilidade da sua redenção.

A filosofia existencial é pois – numa perspectiva totalmente kierkegaardiana e, por conseguinte, cristã – uma filosofia de resgate. O filósofo existencialista seria então aquele que está engajado em transmitir ao mundo finito, isto é, à nossa realidade temporal e sensível, âmbito onde se dá nossa existência particular e concreta, aquilo que tão-somente é acessível no mundo infinito, mundo este que se encontra mais além da imediatez da existência humana. Este algo que o filósofo anseia por transmitir é o fundamento da sua e de todas as outras existências, que ele, por se tratar de um filósofo da existência cristão, também reconhece como Deus. E é justamente por desejar comunicar a verdade que julga ter encontrado que a filosofia existencial cristã, tal como vivida e promovida por Kierkegaard, ainda pode ser chamada de Filosofia, uma vez que não desistiu de recorrer à razão – instrumento por excelência do filósofo; pois, caso contrário, seria impossível o regresso ao mundo finito para tentar comunicar, ainda que de forma sobremodo limitada e imperfeita, porque dependente do instrumentário racional, aquela verdade que, ao mesmo tempo, transcende e fundamenta tudo o que existe. Comenta Frederico Secco: “[...] a filosofia existencial é aquela que lutará por encontrar a salvação do homem do seu pecado original através de seu

* O presente capítulo foi apresentado, com algumas alterações, como monografia de conclusão de curso em 2006.

⁶⁴ KIERKEGAARD, *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.36.

direcionamento até a verdade eterna, pois somente Deus pode redimir os pecados”.⁶⁵

Sendo assim, o pensamento cristão deve ser, por sua própria natureza, edificante. Uma especulação edificante é aquela que está intimamente relacionada com os problemas da vida, não sendo, de forma alguma, uma especulação “neutra” ou “imparcial”, mas sim inquietação com a própria existência. Dirá Kierkegaard na obra que no Brasil e em Portugal se conhece por *O Desespero Humano*,⁶⁶ mas que também é conhecido simplesmente como *Doença Mortal* ou *Doença para a Morte*: “A inquietação é o verdadeiro comportamento para com a vida, para com a nossa realidade pessoal e, conseqüentemente, ela representa, para o cristão, a seriedade por excelência”.⁶⁷

Para Kierkegaard, o homem, através dos tempos e no decorrer da sua vida, insiste em travar um duelo contra si mesmo, sempre provocando e afligindo a sua alma em busca precisamente daquilo que já possui mas que sempre deixa escapar. A cada novo desafio que se propõe está, na verdade, à procura de um sentido para si, para a sua existência, para os outros, para o mundo. Anseia, antes de tudo, por ajustar-se a si mesmo, sentir-se uno consigo, e todavia é como se já pressentisse que esta é a mais dura das tarefas, cuja carga lhe parece quase insuportável. Adia então o seu trabalho, porque não deseja ser castigado pelo cansaço e desânimo que irremediavelmente vão se abater sobre a sua alma. Mas quando – não sem antes de provar algum sofrimento – infla seu peito de coragem e atende finalmente a este chamado que o impele a ser ele mesmo, ora, então quando isso acontece, é somente *o início das dores* – mas a dor também purga a alma.

⁶⁵ Secco, F. Schwerin, *A Solidão da Fé em Kierkegaard*, p.61.

⁶⁶ O título em dinamarquês é *Sygdommen til Døden. En christelig psykologisk Udvikling til Opbyggelse og Opvækelse (A Doença até a Morte. Uma exposição cristã psicológica para a edificação e o despertar)*. A obra veio ao público em 1849, sob as firmas de Anti-Climacus, o autor, e Søren Kierkegaard, o editor. É justamente com *A Doença até a Morte* que o heterônimo Anti-Climacus faz o seu debute no universo kierkegaardiano, sendo aliás o último heterônimo a aparecer. Acatando o desejo de Kierkegaard e seguindo assim as suas orientações, referir-nos-emos daqui para frente, abrindo todavia eventuais exceções por questões meramente estilísticas, ao personagem heterônimo que cumpre a função de autor de uma determinada obra em lugar de as referirmos todas uniforme e indiscriminadamente ao próprio Kierkegaard. Tal desejo se encontra no final do *Post-Scriptum Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas*, quando Kierkegaard assume e explica o uso dos seus heterônimos num capítulo que funciona como epílogo intitulado *Uma primeira e última explicação*.

⁶⁷ KIERKEGAARD, Søren, *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.189. Daqui em diante nos referiremos a essa obra simplesmente como *O desespero humano*, haja vista que todas as citações sairão deste livro específico, salvo indicação contrária.

Muitas e dolorosas peripécias são necessárias até que o homem descubra que não luta sozinho, exclusivamente contra si próprio, mas que antes faz como Jacó: luta contra um desconhecido na escuridão da noite. Luta contra um desconhecido e, ao romper do dia, sai com as marcas da batalha no corpo e é chamado por um novo nome. Mas o que isso quer dizer? Deixemos esta questão em suspenso, pelo menos por ora. Interessa agora analisar o *desespero*, tema deste capítulo, tal como fora entendido por Anti-Climacus e, mais precisamente, tal como este o descreveu em seu livro *O Desespero Humano (doença até a morte)*.

3.1. Esclarecimento preliminar

O desespero é “a doença e não o remédio”, adverte Anti-Climacus logo no seu prefácio ao *Desespero Humano*. Contudo, é evidente e desnecessário dizer que sem doença não pode haver cura – e é justamente aqui, nessa estreita relação, que reside a dialética do desespero: sem desespero não há salvação.

3.1.1. Doença do eu e suas formas

O desespero é a doença do espírito ou, se se quiser, do eu. Anti-Climacus classifica o desespero em três formas: o desespero inconsciente de ter um eu, o desespero que *não quer* ser ele próprio e o desespero que *quer* ser ele próprio.

Para Anti-Climacus, o homem é espírito, e ser um espírito é ser um eu. Mas ainda cabe aqui a pergunta: O que é ser um eu? “O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria”,⁶⁸ responde Anti-Climacus. No entanto, essa não é uma relação qualquer, mas uma bastante específica, na qual a ênfase da relação não está em si mesma, como se fosse algo estático e já dado, mas num voltar-se sobre si própria, num orientar-se à sua própria interioridade. O eu se estabelece, portanto, somente à medida que se relaciona consigo próprio, numa espécie de autorreflexão.

Contudo, surge uma nova questão: Quem ou o que estabelece essa relação que tem a autonomia de se orientar sobre si própria, e a qual chamamos de eu? De fato, esta relação ou é estabelecida por si mesma ou então por um outro termo. Se for estabelecida por si mesma, então ao homem só restará uma forma de

⁶⁸ *O desespero humano*, p.195.

desespero: o desespero de não querer ser si próprio, uma vez que o eu é incapaz de, pelos seus próprios meios, atingir o equilíbrio na sua relação, porque careceria de parâmetros absolutos para tal. Porém, se esta relação for estabelecida por outrem, então caberá ao eu não só se relacionar consigo próprio, mas também com aquilo que o estabelece, que pôs o conjunto da relação. Dessa forma, abre-se a possibilidade da existência daquele outro tipo de desespero, qual seja, o desespero que quer ser si próprio. Esta forma de desespero reflete a necessidade do eu de se relacionar não somente consigo, mas também com aquilo que o fundamenta, pois caso contrário nunca conseguiria alcançar o repouso na sua relação.

No desespero, a discordância não é uma simples discordância, mas a de uma relação que, embora orientada sobre si própria, é estabelecida por outrem: de tal modo que a discordância, existindo em si, se reflete além disso até o infinito na sua relação com o seu autor.⁶⁹

Assim, ao assumir que o eu é estabelecido por um terceiro termo ao qual deve relacionar-se, Anti-Climacus afirmará como consequência que a forma de desespero no qual se quer ser si próprio é a forma à qual todos os outros tipos de desespero, em última instância, se reduzem. “Eis a fórmula que descreve o estado do eu, quando deste se extirpa completamente o desespero: orientando-se para si próprio, *querendo ser ele próprio*, o eu mergulha, através da sua própria transparência, até o poder que o criou”.⁷⁰

3.1.2. Virtualidade e realidade do desespero

Conquanto Anti-Climacus classifique o desespero como a pior das misérias, causa mesma da nossa perdição, ainda assim ele, o desespero, deve ser considerado uma enorme vantagem, pois é a marca da nossa humanidade.

Sofrer um mal destes coloca-nos acima do animal, progresso que nos distingue muito mais do que o caminhar de pé, sinal da nossa verticalidade infinita ou da nossa espiritualidade sublime. A superioridade do homem sobre o animal está pois em ser suscetível de desesperar [...].⁷¹

⁶⁹ Ibid., p.196.

⁷⁰ Ibidem. loc. cit. Meu grifo.

⁷¹ Ibid., p.197.

Desse modo, ao mesmo tempo em que o desespero se mostra como uma vantagem, na medida em que, conferindo-nos humanidade, distingue-nos dos outros entes, mostra-se igualmente como uma imperfeição, pois é a mais horrível das doenças. Ser a um só tempo vantagem e imperfeição é revelador do caráter dialético do desespero.

“O desespero é – segundo Anti-Climacus – a discordância interna numa síntese cuja relação diz respeito a si própria”.⁷² É discordância porque o eu ainda não conseguiu se relacionar com aquele termo que o estabeleceu; e é interna porque a sua causa não é exterior, mas antes reside no nosso próprio eu, na nossa própria síntese. Daí o desespero estar tão intimamente vinculado ao fato de sermos uma síntese, porque, do contrário, não haveria sequer a possibilidade do desespero, uma vez que a discordância é intrínseca à relação desta síntese consigo própria.

O desespero está portanto em nós; mas se não fôssemos uma síntese, não poderíamos desesperar, e tampouco o poderíamos se esta síntese não tivesse recebido de Deus, ao nascer, a sua firmeza.⁷³

Contudo, importa ressaltar aqui que da mesma forma que esta discordância não é a própria síntese, mas apenas a sua possibilidade, ainda que a mais premente, assim também o desespero não advém desta discordância; pelo contrário, a discordância já é o próprio desespero, o qual se origina precisamente por causa dessa relação (chamada ‘eu’) que se orienta sobre si própria, porque, ao orientar-se sobre si próprio, o eu se descobre desesperado, discordante consigo mesmo.

Mas, afinal, somos uma síntese de quê? Somos, segundo Anti-Climacus, uma síntese de finito e infinito, temporal e eterno, necessidade e liberdade, o que já nos permite entrever, em parte, o porquê dessa relação ser tão problemática. Ademais, temos ainda que o desespero, enquanto categoria do espírito,⁷⁴ aflige o

⁷² Ibid., p.197.

⁷³ Ibid., pp.197-198.

⁷⁴ O espírito é, segundo a crença que Kierkegaard herda do cristianismo, um dos três elementos que constituem a síntese humana. Os outros dois elementos seriam a alma e o corpo. O espírito exerce uma função sobremodo importante porque é ele quem desempenha o papel de elo entre corpo e alma, ou seja, ele é o ponto de ligação e termo final da relação que se dá entre esses dois últimos. É nesse sentido que Kierkegaard pode dizer que o espírito é o ‘verdadeiro eu’, já que é somente através dele que o ser humano passa a ter uma realidade concreta, pois caso contrário

homem justamente naquilo que ele tem de eterno, aflige-o na sua porção de eternidade. Veremos mais detalhadamente a seguir o que isso quer dizer.

3.2. Doença mortal

O desesperado é, mais do que qualquer outro, um doente de morte. Entretanto, trata-se aqui de uma morte muito específica, visto que diz respeito a esta doença tão particular cujo desfecho não é a morte física. Trata-se aqui de um outro tipo de morte, duma morte que não pode servir de consolo, mas tão-somente causa de mais aflições.

Porque, bem longe de dele [do desespero] se morrer, ou de que esse mal acabe com a morte física, a sua tortura, pelo contrário, está em não se poder morrer, como se debate na agonia o moribundo sem poder acabar.⁷⁵

Assim, vemos que o desespero ao qual Anti-Climacus se refere não é qualquer doença física cuja morte, na falta de fármacos que pudessem mitigar as suas dores, encarregar-se-ia de lhe dar um desfecho. Não, pois muito pelo contrário, trata-se de uma doença própria do espírito e que ataca justamente aquilo que possuímos de eterno.

Para que se morresse de desespero como duma doença, o que há de eterno em nós, no eu, deveria poder morrer, como o corpo morre de doença. Ilusão! [...] Quem desespera não pode morrer; *assim como um punhal não serve para matar pensamentos*, assim também o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, não devora a eternidade do eu, que é o seu próprio sustentáculo.⁷⁶

O desespero tem como meta destruir o eu, e se origina pela vontade do desesperado de se libertar a todo custo deste eu, de si próprio. Contudo, uma vez que é impossível aniquilar aquilo que é eterno, o desesperado, ao ver os seus esforços fracassarem, cai em desgraça e se desespera ainda mais. Quer destruir o seu eu, mas não consegue, porque o seu eu não tem início e tampouco terá fim, pois que é eterno. “Eis o ácido, a gangrena do desespero, esse suplício cuja ponta,

nunca poderia estabelecer-se como a síntese que de fato é, estando fadado a ser ou um corpo sem alma ou uma alma sem corpo. Na visão cristã de Kierkegaard, a natureza do ser humano é precisamente esta: ser uma síntese entre corpo e alma, material e espiritual, precívél e eterno.

⁷⁵ Ibid., p.199.

⁷⁶ Ibidem. loc. cit.

dirigida sobre o interior, nos afunda cada vez mais numa autodestruição impotente”.⁷⁷

O verdadeiro desespero não é causado por qualquer motivo externo, mas advém unicamente do desajuste do eu consigo mesmo, ou mais precisamente, é este próprio desajuste. Ainda que fatores externos possam de fato desencadear o desespero do desesperado, a sua origem todavia permanecerá sempre intrinsecamente relacionada com o eu subjetivo deste desesperado, independentemente deste ou daquele acontecimento no mundo, pois que, antes de qualquer coisa, o desesperado se desespera de si próprio. Desespera-se de si próprio porque anseia por se libertar do seu eu, insiste em não querer ser o eu que já é; e, não obstante, desespera ainda porque, desesperado, quer ser si próprio. Ora, mas como isso é possível? Afinal, o desesperado quer se ver livre de si mesmo ou, ao contrário, quer ser ele próprio? A resposta é: quer se ver livre de si para, justamente, ser si próprio. Na verdade, não se trata aqui de uma contradição. Ocorre que o desesperado quer se libertar do seu eu verdadeiro unicamente para que possa personificar um eu que não é o seu, mas que desejaria que fosse, que desejaria tomar para si.

Este eu, que o desesperado quer ver, é um que ele não é (pois querer ser o eu que se é verdadeiramente é o contrário do desespero), o que ele quer, com efeito, é separar o seu eu do seu Autor. Mas aqui ele falha, não obstante desesperar, e apesar de todos os esforços do desespero, este Autor permanece o mais forte e constrange-o a ser o eu que ele não quer ser.⁷⁸

Assim, o desesperado se desespera não exatamente por não conseguir ser aquele eu que ele fantasia para si próprio, mas antes porque não suporta ser este eu que já é. Fantasia dezenas, centenas de outras *personae*, um pouco parecido com aquele homem que passa a vida a fabricar máscaras e que, no decorrer do seu ofício, vai escolhendo para si mesmo aquelas que pensa melhor se ajustarem ao seu rosto, e isso tão-somente porque possui um receio horrível de ver a sua verdadeira face, a qual julga aparentar-se muito desconforme.

Coisa curiosa é que o desespero, como já foi dito, se constitua tanto como uma vantagem quanto uma miséria. A vantagem do desespero está em que a sua

⁷⁷ Ibid., pp.199-200.

⁷⁸ Ibid., pp.200-201.

existência, por si só, nos dá uma prova da nossa eternidade, visto que este mal, esta doença mortal, é endêmica do espírito. Sendo assim, só desesperamos porque possuímos a eternidade em nós; da mesma forma, só há desespero porque o eu não consegue aniquilar-se, visto que é eterno. Mas por que, então, há alguma vantagem em ser eterno, uma vez que a eternidade traz consigo a possibilidade do desespero, a mais terrível das misérias? A eternidade e, junto com ela, o desespero são uma vantagem na medida em que nos revelam a nossa condição privilegiada dentre todos os outros animais e, de maneira mais ampla, dentre todos os outros entes.

Essa condição privilegiada constitui-se, para Anti-Climacus, pelo fato de sermos, de algum modo, partícipes da natureza divina, uma vez que não somos apenas seres finitos, temporais ou destituídos de livre-arbítrio, mas antes uma síntese em cujos termos se encontram a infinitude, a eternidade e a liberdade. Ademais, a vantagem do desespero é, além de nos mostrar que temos um espírito, não permitir que o homem se afaste por completo do seu Autor. O desespero nos alerta de que se passa algo errado com o nosso eu. Mais do que isso, o desespero é a corrente incômoda e pesada que, quando todo o resto falha, nos prende indissolúvelmente a Deus e que não nos deixa perder-nos dele.

3.2.1. Universalidade do desespero

Contra a concepção corrente e sem rigor do que seja de fato o desespero, em que cada qual se acha apto a sentenciar de si mesmo, baseado nas evidências as mais superficiais, se está ou não desesperado,⁷⁹ contra esta concepção, que mais se encontra no domínio da opinião, Anti-Climacus propõe uma definição e análise do desespero nas quais ele é tido como uma categoria própria do espírito e, como tal, não é um mal exclusivo deste ou daquele indivíduo, mas sim universal.

Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que esteja insento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou

⁷⁹ Até porque, como nos chama a atenção Kierkegaard: “É fácil imitar o desespero, é fácil que sejam tomadas como desespero todas as espécies de abatimento sem consequências, de sofrimentos que passam sem chegar a sê-los” (ibid., p.204).

que ele nem ousa conhecer, receio duma eventualidade exterior ou receio de si próprio [...].⁸⁰

E se as coisas se passam de fato assim, então poderíamos contar nos dedos aqueles realmente capazes – caso realmente existam – de se ufanarem por não sofrer deste mal, de não serem desesperados, pois, de acordo com Anti-Climacus: “Não é ser desesperado que é raro, o raro, o raríssimo, é realmente não o ser”.⁸¹

Embora Anti-Climacus afirme a universalidade do desespero, nesta afirmação não há nada que deva causar tristeza ou desânimo; muito pelo contrário, pois ao decretar que todos os indivíduos padecem desta moléstia, o filósofo tenta despertá-los sobre a sua verdadeira condição e, sendo assim, conduzi-los o mais próximo possível em direção à cura. Tampouco há algum exagero nesta afirmação, porquanto, ao se afastar dum ponto de vista relativo sobre a problemática do desespero, Anti-Climacus descobrirá que ele, como categoria que é do espírito, pode assumir as mais variadas formas, dissimular-se de várias maneiras, das quais a mais perigosa seja talvez a do desespero inconsciente.

Assim (para citar um único caso, que, a ser bem compreendido, faz recolher milhares de milhões de homens sob a rubrica do desespero) o que a maior parte não vê, é que não ser desesperado, não ter consciência de o ser, é precisamente uma forma de desespero.⁸²

A dialética do desespero é tal que até mesmo os seus sintomas são dialéticos. Sendo uma categoria do espírito, o desespero também possui, conseqüentemente, algo de eterno; e em sendo eterno, não podemos dizer dele que teve início neste ou naquele ponto, que o indivíduo caiu em desespero neste ou naquele momento específico. “Porque o próprio acontecimento que o lança no desespero, imediatamente revela que toda a sua vida passada tinha sido desespero”,⁸³ observa Anti-Climacus. Assim, independentemente de o indivíduo ter ou não consciência disto, o desespero o acompanha desde sempre, porque a manifestação do desespero não quer dizer outra coisa senão que ele esteve sempre latente, preexistindo em oculto.

⁸⁰ Ibid., p.203.

⁸¹ Ibidem. loc. cit.

⁸² Ibid., loc. cit.

⁸³ Ibid., p.204.

Mas o desespero é precisamente a inconsciência em que os homens estão do seu destino espiritual. Mesmo aquilo que para eles é mais belo e adorável, a feminilidade na flor da idade, toda ela alegria, paz e harmonia, mesmo esta é desespero. É felicidade, sem dúvida, mas será a felicidade uma categoria do espírito? De modo algum. E no seu fundo, até na sua mais secreta profundidade, também habita a angústia que é desespero e que só aspira a ocultar-se aí, pois não há lugar mais na predileção do desespero do que o mais íntimo e profundo da felicidade.⁸⁴

Ainda no que se refere à dialética do desespero, Anti-Climacus acrescenta que tanto a doença quanto a saúde são, quando se trata do espírito, críticas, na medida em que dizem respeito ao ingresso numa nova situação tão logo uma anterior é concluída; situação esta que gera inúmeras outras possibilidades que não existiam antes, e das quais podem advir, igualmente, tanto resultados benéficos quanto perniciosos. Desse modo, uma vez que no espírito as coisas se passam de maneira dialética, isto é, ocorrem por meio de mediações opostas, temos que nem mesmo a saúde espiritual (que neste caso pode ser identificada com a ausência, ou melhor, superação do desespero) existe de maneira imediata, o que a faz ser crítica e, portanto, dialética, já que está em estreita relação com o seu oposto, o desespero.⁸⁵ E, sendo assim, podemos já entender a importância desta doença, do desespero, para a própria saúde do espírito, na medida em que, ao se relacionar diretamente com ela, chama a atenção do indivíduo para a sua eternidade, o seu eu, o seu espírito – daí a possibilidade salutar que pode advir do desespero.

E precisamente, porque ele não é senão a dialética, o desespero é a doença que, pode dizer-se, o pior mal é não ter sofrido... e é uma divina felicidade suportá-la, se bem que seja a mais nociva de todas, quando não queremos curar-nos dela.⁸⁶

O desespero é crítico justamente porque, ao lançar o indivíduo na mais lancinante das situações, abre-lhe ao mesmo tempo a possibilidade da sua cura, da sua renovação, que não é outra coisa senão a possibilidade de entrar em contato, pela primeira vez, com o seu próprio eu, consigo mesmo. Tal é a dialética do desespero: mostrar ao doente que este sempre estivera desesperado para que,

⁸⁴ Ibid., p.205.

⁸⁵ Contudo, ainda que Kierkegaard aceite o movimento dialético do espírito, é importante dizer que este se difere da dialética tal qual a imortalizou Hegel – e em relação à qual, aliás, Kierkegaard estava em pleno desacordo – na medida em que na dialética kierkegaardiana não há a síntese final entre os termos opostos.

finalmente, possa vir a se curar. É por isso que Anti-Climacus diz que “o homem que sem imitação afirma o seu desespero não está tão longe da cura, está mesmo mais próximo do que todos aqueles que não são considerados e não se julgam desesperados”.⁸⁷ Por isso, cabe ao indivíduo, a este doente, estar sempre vigilante com as coisas do espírito, não se esquecer de constantemente olhar para dentro de si e zelar pelo que ainda resta da sua saúde, para que não caia nas armadilhas dialéticas do desespero, o qual é tanto pior quando não se manifesta.

Mas mais um horrível sinal desta doença – a pior de todas – é o seu segredo. Não só os desejos e os esforços bem sucedidos para escondê-la daquele que a sofre, não só que ela o possa habitar sem que ninguém, ninguém a descubra, não! mas ainda que ela de tal modo se possa dissimular no homem que nem ele se dê conta!⁸⁸

Eis, portanto, o grande perigo do desespero: em vez de nos alertar que se passa algo de errado com a nossa saúde espiritual, tentar, silenciosamente, aniquilar o nosso eu. Mas o silêncio, aqui, também é um sinal, um indício, talvez o mais forte, de que o espírito carece de algo... e novamente a dialética do desespero se faz presente.

3.2.2. Personificações do desespero

O desespero pode, como já vimos, assumir diversas formas, dependendo de ele ser consciente ou não. Se o desespero for consciente, será de uma determinada natureza; se for inconsciente, será pois de outra. A consciência e, mais especificamente, a consciência interior quanto a si próprio, terá portanto um papel decisivo na tomada de si por parte do indivíduo, visto que somente através de uma consciência acurada é que o indivíduo poderá diagnosticar a sua doença. Assim, quanto maior a consciência, maior será o eu, porque num indivíduo sem consciência o eu permanece como que inexistente, sem reflexão, sem se manifestar.

Se passarmos a olhar o desespero não na sua relação direta com a consciência, mas sob as categorias que constituem a síntese do eu, veremos que ele pode assumir várias formas, dependendo da categoria específica com a qual se

⁸⁶ Ibidem. loc. cit.

⁸⁷ Ibid., loc. cit.

⁸⁸ Ibid., p.206.

relacione. Assim, antes de passarmos à análise do desespero sob a categoria da consciência, que é o que realmente nos importa neste capítulo, não nos furtemos contudo de fazer uma descrição, mesmo que sucinta, das formas que o desespero assume na sua relação com as categorias do espírito.

O eu, sendo a síntese de finito e infinito, não pode realizar-se, isto é, tornar-se ele próprio somente num ou noutra destes âmbitos. Tanto um quanto o outro extremo são, para o eu, motivo de perdição, de desespero. Assim, sob a dupla categoria do finito e do infinito, existem duas formas distintas de desespero: o *desespero da infinidade* e o *desespero no finito*.

No desespero da infinidade, o eu é levado, por meio da sua imaginação, a se perder no infinito, uma vez que esta faculdade é a responsável por criar ilimitadamente mundos e existências possíveis. E se perdendo assim no infinito, sem qualquer força exterior que restrinja a sua expansão desordenada e que interrompa o seu desvario de plasmar ‘eus’ fantasmagóricos *ad infinitum*, o homem se afasta cada vez mais de si próprio, porque ignora o eu que de fato é e tem de ser. “Leva então uma existência imaginária, infinitizando-se ou isolando-se no abstrato, sempre privado do seu eu, do qual consegue afastar-se cada vez mais”,⁸⁹ diz-nos Anti-Climacus a respeito do indivíduo que se desespera da infinidade.

Já o desespero no finito diz respeito a um fechamento do eu no âmbito da finitude, do temporal, isto é, diz respeito à sua total negligência em relação àquilo que realmente importa, qual seja, a sua infinidade, o seu espírito. O eu que se encerra no finito sacrifica a sua espiritualidade em favor de uma vida que supõe não só estável, mas também desejada pela sociedade. Tanto é assim que um indivíduo que padece deste tipo de desespero, longe de ser diagnosticado como o mais miserável dos doentes pelos seus familiares, vizinhos, etc., é, ao contrário, admirado e felicitado por sua sobranceira saúde – e no entanto, que contradição!, bastaria uma olhada, uma olhadela que fosse para o interior deste indivíduo, para notarmos, de súbito, o estado deplorável do seu eu. Não obstante, ele é, a despeito da sua terrível doença, o cidadão ideal, porque toda a sua atenção e zelo se voltam ao finito, ao temporal, que é onde a sociedade na qual vive edifica as suas bases e

⁸⁹ Ibid., p.204.

onde ela o quer ativo. Contudo, sem o infinito para lhe dar algum alento, este indivíduo é sufocado, até o desespero, pelas coisas temporais.

A contemplar as multidões à sua volta, a encher-se com ocupações humanas, a tentar compreender os rumos do mundo, este desesperado esquece-se a si próprio, esquece o seu nome divino, não ousa crer em si próprio e acha demasiado ousado sê-lo e muito mais simples e seguro assemelhar-se aos outros, ser uma imitação servil, um número, confundido no rebanho.⁹⁰

Há ainda o desespero visto sob a dupla categoria do *possível* e da *necessidade*. O eu é, com efeito, necessidade e possibilidade, visto ser também a síntese destas duas categorias. “O eu é necessidade, porque é ele próprio, e possível, porque deve realizar-se”,⁹¹ afirma Anti-Climacus. Assim, conquanto o eu já seja aquilo que deve ser, é preciso que, desbravando pelas suas próprias forças o domínio do possível, experimentando as suas possibilidades, descubra isto, tome consciência deste fato; porque, caso contrário, diremos dele que não conseguiu tornar-se si próprio, não conquistou a sua cura. Logo, tanto a falta de necessidade como a de possibilidade conduziriam o eu ao desespero.

No desespero do possível, o eu, seduzido pelas inúmeras possibilidades que se lhe apresentam, esquece-se que deveria subordinar o possível à necessidade, pois sem este último para guiar os seus passos e as suas escolhas o máximo que logrará será perder-se no reino do possível.

A infelicidade de um eu desta espécie não está em nada ter feito neste mundo, mas em não ter tomado consciência de si próprio, em não se ter apercebido de que este é o seu eu, é um determinado preciso e, portanto, uma necessidade. Em vez disso, o homem perdeu-se deixando que o seu eu se reflita imaginariamente no possível.⁹²

Assim, porque este eu carece de necessidade para direcionar os seus esforços no campo do possível, é incapaz de se tornar si próprio, porque não faz outra coisa senão esvair incessantemente o seu eu em possibilidades que nunca chegam a se realizar, em desejos e vontades frustrados.

Por seu turno, o eu que se desespera na necessidade carece de possível, quer dizer, é incapaz de vislumbrar quaisquer possibilidades que não aquelas que se lhe apresentam imediatamente no âmbito do temporal e, portanto, qualquer

⁹⁰ Ibid., p.210.

⁹¹ Ibid., p.212.

possibilidade de cura para o seu desespero. Para este tipo de desesperado só existe a necessidade ou, quando muito, aquilo que é perfeitamente provável ocorrer nos estreitos domínios da experiência. Contudo, a possibilidade da qual Anti-Climacus nos fala vai muito além daquilo que é empiricamente plausível de se suceder. Pois esta possibilidade só pode vir a se realizar quando todas as demais possibilidades humanas estiverem esgotadas, quando só o que há é impossibilidade. Trata-se, portanto, de o desesperado crer ou não que a Deus (este poder que o criou e que o sustenta) tudo é possível, porque Deus é pura possibilidade e, sem ele, não pode haver salvação. Porque não quer contar com o possível, este desesperado, o qual se pode chamar de determinista ou fatalista, acaba por rejeitar a própria salvação, isto é, a possibilidade de se tornar si próprio, pois que vai sufocando dentro das estreitas cadeias da necessidade. “Uma possibilidade: e o nosso desesperado recomeça a respirar, revive, porque sem possível, por assim dizer, não se respira”,⁹³ lembra-nos Anti-Climacus.

Assim, da mesma forma que a necessidade desempenha um papel fundamental para a cura daquele que se desespera do possível, aqui, no desespero na necessidade, a possibilidade aparece como o veículo sem o qual seria impossível ao desesperado chegar à sua salvação.

3.2.3. Desespero visto sob a categoria da consciência

À medida que a consciência do eu aumenta, maior será o desespero, porque mais nítido se apresenta à sua vítima. Desse modo, passemos agora a analisar o desespero sob a categoria da consciência, uma vez que ela desempenha um papel importantíssimo para a descoberta desta enfermidade e, por conseguinte, para a sua cura.

O desespero que se ignora ou, em outras palavras, a ignorância desesperada quanto a se ter um eu eterno é a principal forma de desespero, porque a mais frequente e usual entre os homens. No entanto, cabe ressaltar, o desesperado que ignora a sua condição não o faz simplesmente porque desconheça o conceito de desespero, mesmo que vagamente (seja este conceito oriundo ou não duma concepção vulgar), mas porque conscientemente se recusa a orientar-se em

⁹² Ibidem. loc. cit.

⁹³ Ibid., p.214.

direção ao seu próprio eu. E se recusa a tanto porque, coisa não rara na espécie humana, tem uma predileção por aquilo que é imediato e que não exige esforço nem paciência para se realizar; ou, por assim dizer, prefere ignorar as mais profundas aspirações do seu espírito a ter que abrir mão da pífia comodidade que desfruta ao se portar, não como um eu eterno, mas como apenas mais um indivíduo sem rosto (nem espírito!) da multidão.

Anti-Climacus observa que a nossa estrutura mais íntima é sermos uma síntese com uma finalidade espiritual; porém, é justamente isto que o nosso desesperado ignora ou prefere não ver, uma vez que opta por desperdiçar a sua existência nas mais variadas farsas e equívocos, contanto que isto lhe proporcione algum prazer ou que, pelo menos, mantenha-o ocupado o bastante para não ter que encarar o seu destino espiritual.

Todo o homem que não se conhece como espírito ou cujo eu interior não tomou em Deus consciência de si próprio, toda a existência humana, que não mergulha desse modo limpidamente em Deus, mas se funda nebulosamente sobre qualquer abstração ou a ela se reduz (Estado, Nação, etc.), ou que, cega para consigo própria, não vê nas suas faculdades mais do que energias de origem pouco explícita, e aceita o seu eu como um enigma rebelde a qualquer introspecção – toda a existência deste gênero, realize o que realizar de extraordinário, explique o que explicar, até o próprio universo, por muito interessante que, como esteta, goze a vida: mesmo assim, ela será desespero.⁹⁴

Ainda que o desesperado consciente desfrute de alguma vantagem sobre o desesperado inconsciente, já que este, por não tomar conhecimento do mal que sofre, segue sem sequer ter a possibilidade de procurar um auxílio para si próprio, ainda assim ambos podem, igualmente, obter a salvação; pois, sendo o espírito de natureza dialética, dialético também é o caminho que conduz à salvação. No caso do nosso desesperado, o que ignora ser um eu eterno, o primeiro passo a ser dado será o de tomar consciência do seu próprio desespero.

Ao lado do desesperado consciente, o desesperado que se ignora só está afastado da verdade e da salvação por mais um passo negativo. O próprio desespero é uma negação e a ignorância do desespero é outra. Mas o caminho da verdade passa por todas elas [...].⁹⁵

⁹⁴ Ibid., p.218.

⁹⁵ Ibid., p.217.

O desespero consciente da sua existência pode assumir duas formas: na primeira, o desesperado deseja ser si próprio e, na segunda, não o deseja. É importante que se diga que não basta ao desesperado consciente saber o que é exatamente o desespero, pois que a sua consciência não reside somente no fato de ele ser capaz de descrevê-la, minuciosamente ou não. Ora, até mesmo o desesperado inconsciente, como acabamos de ver, pode apresentar uma definição do que seja o desespero e, com um pouco de sorte, apresentá-la com algum grau de acerto – mas nem por isso deixaria de ser um desesperado do tipo inconsciente. O grande mérito do desesperado consciente é que, além de ter uma ideia mais ou menos clara do que vem a ser a real natureza do desespero, ele, concomitantemente, lança luz sobre si próprio, isto é, efetua uma introspecção consciente de si. Quanto mais lúcida e verossímil for a ideia que este desesperado tem do desespero, então maior será a consciência do seu próprio eu, visto que o desespero não é mais que uma discordância, uma desarmonia no seio do próprio eu. Sendo assim, conhecer a real natureza do desespero implica descobrir a verdadeira estrutura do eu.

Antes de passarmos à análise das duas formas que o desespero consciente pode assumir, quais sejam, o *desespero no qual não se quer ser si próprio* e o *desespero no qual se quer ser si próprio*, é necessário que se diga que, independentemente desta ou daquela forma e das suas características e nomenclaturas específicas, o desespero sempre será, em última instância, um desafio ao indivíduo, uma vez que o impele, a custo de muita dor, a se tornar si próprio. Sem este penoso desafio, talvez o eu pudesse se acomodar a tal ponto à sua existência frívola que jamais juntaria as forças necessárias para empreender a grande tarefa – talvez a maior de todas – de se tornar um indivíduo perante Deus e desfrutar, assim, de uma existência autêntica.

3.2.3.1. Desespero no qual se quer ser si mesmo e desespero no qual não se quer ser

Conceitualmente, podemos dividir o desespero no qual não se quer ser si mesmo em duas subformas: o *desespero do temporal ou duma coisa temporal* e o *desespero quanto ao eterno ou de si próprio*.

O *desespero do temporal ou duma coisa temporal*,⁹⁶ como a própria expressão já indica, está situado no terreno do puro imediato, da existência espontânea e voltada unicamente para o exterior. Do indivíduo que sofre deste tipo de desespero, podemos dizer que não se esforça para efetuar qualquer tipo de reflexão ou, quando muito, se compraz com uma reflexão parca e meramente quantitativa. Na verdade, este desesperado carece da consciência de que possui um eu eterno, assim como do que venha a ser o verdadeiro desespero; possui, desta forma, um eu irrefletido, pois que não se conhece a si próprio. Para ele, a causa do seu desespero se encontra no mundo, em algum fator externo e contingente, sem jamais sequer considerar a possibilidade de que, longe de vir de fora, o seu desespero tem raízes fincadas no seu próprio interior e que o habita desde sempre. Confiante que é na fragilidade do imediato, nosso desesperado se submete a ele de maneira inteiramente passiva, limitando-se a suportar as suas fatalidades, desesperando-se assim mais e mais.

Mas o desespero está em perder a eternidade – e dessa perda não diz ele uma palavra, nem em sonhos a suspeita. A perda do temporal, em si, não é desespero, e é contudo dele que ele fala, é a isso que ele chama desespero [...]: ei-lo a mostrar aquilo que não é desespero e a dizer-se desesperado, e entretanto o desespero produz-se com efeito, por detrás dele, sem que ele dê conta.⁹⁷

Anti-Climacus nos adverte, pois, que este tipo de desespero, o do temporal ou duma coisa temporal, não se configura como um autêntico desespero, sendo nada mais que uma versão bem vulgar deste, pois que a sua verdadeira natureza implica em se desesperar quanto ao eu, e não por uma coisa temporal. O sofrimento deste desesperado é passivo porque não advém de uma reflexão interna, própria, e sim porque se sujeita às intempéries da existência. Nosso desesperado acha que é capaz de se reconhecer olhando unicamente para a sua vida exterior, e contudo se equivoca, porque é infinita a diferença entre o seu eu e o exterior. Ignora que conhecer a si próprio não é meramente conhecer a sua manifestação no mundo do imediato, mas adentrar introspectivamente no seu

⁹⁶ Este tipo de desespero, por sua vez, pode assumir três formas muito parecidas: não querer ser si próprio, não querer ser um eu e, a mais inferior das três, querer ser outrem. No entanto, não mencionaremos as particularidades de cada uma delas, limitando-nos a tratar o desespero do temporal de uma maneira geral e abrangente, visto que tais particularidades são completamente irrelevantes para o nosso atual estudo.

⁹⁷ *Ibid.*, p.222.

próprio eu. Quanto maior for a reflexão sobre si próprio, mais perto do seu verdadeiro eu estará este homem. Assim, falta ainda a este desesperado, para que um dia possa vir a se curar, romper com toda a imediatez fútil da sua existência, coisa que só lhe será possível por meio de uma acurada reflexão interna, que dê conta de lhe revelar a verdadeira face do desespero.

Tão certo é que a maior parte dos homens não aprofunda muito o seu desespero, o que não prova que o não tenham. Bem raros são aqueles cuja vida tenha um destino espiritual! quantos o procuram, e, entre estes últimos, quantos não desistem!⁹⁸

Por fim, temos que o desespero *duma coisa temporal*, isto é, relacionado a um fator particular, acaba por transformar-se, devido à infinita paixão (*pathos*) do desesperado, num desespero *do temporal*, conceito mais amplo que o anterior, pois concerne à totalidade daquilo que se passa na existência, e não a um único fator. Como quando, para nos servir dum exemplo, alguém sofre uma grande desgraça e por causa dela, ainda que tenha sido única e isolada, alega que nada mais vale a pena, que a sua existência não tem mais sentido e põe-se, assim, a amaldiçoar todo o mundo. “O temporal (como tal) é precisamente o que se desmorona neste fato particular”,⁹⁹ afirma Anti-Climacus.

No entanto, o desespero do temporal não é outra coisa senão uma primeira expressão dialética daquela outra forma do desespero no qual não se quer ser si mesmo, qual seja, o *desespero quanto ao eterno ou de si próprio*. Porque desesperar quanto ao eterno é, em última instância, a fórmula de todo o desespero.

O indivíduo que julga desesperar de uma coisa temporal está, na verdade, desesperando quanto à eternidade, uma vez que o verdadeiro desespero, ainda que habilmente disfarçado a ponto de passar despercebido por este indivíduo, caracteriza-se justamente pelo fato de o nosso desesperado negligenciar o seu eu eterno (já que se encontra por demais azafamado quanto às vaidades da sua existência). Diferentemente do tipo anterior de desespero (o de uma coisa temporal), neste o desesperado toma consciência da sua fraqueza, nomeadamente, a de, por dar tanto valor ao temporal, negar-se a ser si próprio. Contudo, mesmo que esta nova tomada de consciência signifique um avanço considerável em relação àquele que se desespera do temporal, visto que agora o desesperado

⁹⁸ Ibid., p.225.

adquiriu uma maior consciência do que seja de fato o desespero, ainda assim ele continua a desesperar, porque permanece incapaz de assumir o seu eu.

[...] cada vez mais consciente do seu desespero, já sabe agora que desespera quanto ao eterno, que desespera de si próprio, da sua fraqueza de dar tanta importância ao temporal, o que para o seu desespero equivale à perda da eternidade e do seu eu.¹⁰⁰

Se antes, no desespero temporal, o nosso desesperado se furtava veementemente de admitir qualquer aspecto que denunciasse ser ele possuidor dum eu eterno, aqui, no desespero de si próprio, o nosso desesperado já é capaz de admitir a existência de um eu eterno, muito embora ainda não tenha força de vontade o bastante para desvencilhar-se de todo do temporal, sendo esta precisamente a causa do seu desespero. Aqui, o desespero já não é mais algo meramente passivo, mas sim o princípio de uma ação, na medida em que é fruto de uma reflexão consciente do desesperado sobre si próprio ou, mais precisamente, expressão da consciência desesperada deste eu por se saber ainda preso e sujeitado em relação ao temporal.

Quando o homem, com efeito, perde o temporal e desespera, o desespero parece vir de fora, se bem que venha sempre do eu; mas quando o eu desespera deste último desespero, esse desespero vem do eu, como uma reação indireta e direta e difere nisso do desespero-desafio, o qual surge do eu.¹⁰¹

À medida que a consciência do desesperado aumenta, aumenta também a intensidade do seu desespero; sendo assim, o desesperado que antes se lamuriava da sua fraqueza, passará agora a um outro estágio de desespero, no qual ele não mais se lamentará da sua condição, pois que, daqui para frente, o seu desespero se apresentará como desafio. Com efeito, quanto maior for a consciência do desesperado sobre o seu desespero, mais perto ele estará da sua cura. Todavia, deixemos para falar do desespero-desafio um pouco mais adiante; por ora, importa que analisemos o nosso doente mais de perto, cujo desespero é o desespero quanto ao eterno.

Na verdade, este nosso desesperado, este que se desespera quanto à sua eternidade ou, o que é igual, de si próprio, é um tipo psicologicamente muito

⁹⁹ Ibid., p.227.

¹⁰⁰ Ibid., p.228.

interessante. Anti-Climacus, em contraposição àquele desesperado do temporal, o qual, por sua imediatez, chamou de puro espontâneo, dirá que este desesperado (que se desespera de si próprio) se caracteriza por uma espécie de hermetismo, sendo um indivíduo profundamente taciturno e, não obstante, perfeitamente sociável. Ele possui uma sensibilidade tal que, ao invés de procurar auxílio para si, opta por refugiar-se no seu opróbrio, quer dizer, prefere sofrer calado as injúrias do seu desespero. Acha-se tão fraco, julga possuir um eu tão débil, que não crê ser digno de qualquer espécie de salvação. Não que ele pudesse se esquecer da sua condição, como se isso lhe servisse de alento, absolutamente. O seu desespero é demasiadamente intenso para ignorá-lo. Afinal ele é um espírito, possui um eu eterno, e ele, mais do que qualquer outro, sabe disso. Contudo, o seu desespero é tanto que, negando-se qualquer outra possibilidade, fecha-se no seu desprezo a si, recusando-se a ser si próprio. Porém, ainda aqui, prevalece a dialética do desespero: “O seu próprio crescimento de intensidade aproxima, em certo sentido, este desespero da salvação. Porque a sua própria profundidade o salva do esquecimento; não se cicatrizando, ele salvaguarda a cada instante uma probabilidade de salvação”.¹⁰²

O problema com este desesperado é que ele desespera da sua fraqueza em vez de justamente aceitá-la para poder, logo em seguida, clamar socorro para si. Pois que é sob o jugo da fraqueza, fraqueza esta de onde advém o seu atual desespero, que ele poderá finalmente salvar-se ou, o que dá no mesmo, tornar-se si próprio. Porque é exatamente isto que ele ignora: que esta mesma fraqueza, a qual ele tanto repudia, é o que acabará por conduzi-lo à sua salvação – ou à sua perdição, caso não se dê conta disso a tempo. Portanto, enquanto o nosso desesperado se obstinar, empedernido, em ser orgulhoso – sim, porque a sua fraqueza se tornou, diabolicamente, motivo de orgulho, visto que lhe dá mais importância que à sua própria salvação –, enquanto se obstinar em seguir jactancioso da sua desgraça – ainda que não se aperceba disto, tal como aquele veterano de guerra que sempre que se encontra com os seus netinhos se entretém a contar-lhes o quanto sofrera nas mãos do inimigo, o quanto a guerra lhe fora penosa, etc., etc., sendo tudo isto, mais até mesmo que a medalha que guarda cuidadosamente e num lugar de destaque da casa, o seu grande motivo de orgulho

¹⁰¹ Ibidem. loc. cit.

–, enquanto persistir na sua arrogância, então a ele, ao nosso desesperado, não haverá possibilidade de cura.

Entretanto, acrescente-se apenas mais um grau dialético ao desespero do qual padece o eu que não quer ser si mesmo, aumente-se a consciência deste eu quanto ao seu próprio desespero e a si próprio, e então uma mudança radical acontece, por assim dizer, bem diante dos nossos olhos: aquilo que era desespero-fraqueza transforma-se em *desespero-desafio*, porque desespero no qual se quer ser si próprio.

O desespero no qual queremos ser nós mesmos é a forma mais elevada de desespero. Nesta forma, o desespero se apresenta de maneira mais incisiva, visto que agora a consciência que o desesperado possui sobre si próprio, e portanto sobre a sua própria condição, é infinitamente superior do que a consciência daquele desesperado que não quer ser si mesmo. Diferentemente do desespero-fraqueza, o desespero-desafio se apresenta não como proveniente de algum sofrimento exterior diante do qual o desesperado se limita a lamentar passivamente, mas, muito pelo contrário, como fruto de uma ação interna, de uma reflexão profunda do eu sobre si próprio. Portanto, a consciência da própria eternidade se faz indispensável e fundamental para que haja esta forma mais elevada de desespero, porque sem ela o nosso desesperado estaria como que condenado a se desgastar naquelas formas mais inferiores de desespero, nas quais nem se tem consciência do que de fato venha a ser o desespero nem do que seja o eu. Ora, e sem a devida tomada de consciência dessas coisas tanto mais longe se encontrará o eu da sua cura, pois que não conhece sequer a natureza do mal que lhe aflige nem a melhor forma de se tratar.

Esse desespero, que conduz à fé, não existiria sem o auxílio da eternidade; graças a ela, o eu consegue a coragem de se perder, para de novo se encontrar; pelo contrário, recusa-se a começar por se perder, e quer ser ele próprio.¹⁰³

O desespero-desafio é a forma mais elevada de desespero e por isso mesmo é a que, dialeticamente, se encontra mais perto da salvação. Podemos esquematizar esta afirmação da seguinte maneira: i) a intensidade do desespero é tanto maior quanto maior for a consciência sobre ele; ii) tomar consciência do

¹⁰² Ibid., loc. cit.

desespero implica descobrir a própria estrutura do eu; iii) descobrir a estrutura do eu implica, por sua vez, em se saber eterno. Portanto, como já foi dito, a consciência da eternidade é aqui o fator decisivo para qualquer possibilidade de cura. E é justamente por isso que este desesperado está mais perto da sua salvação do que qualquer outro: porque ao tomar plena consciência de que possui um eu eterno assumiu, por fim, a sua própria eternidade. Não age mais como aquele desesperado que não deseja ser si próprio, fugindo do seu eu e se escondendo covardemente por entre as coisas temporais. Não tenta, por temer demasiadamente o seu próprio eu, enterrá-lo no terreno do temporal, até que não possa mais ser visto. Não! Nosso desesperado já não teme mais a si mesmo, já não receia ser um eu eterno – mesmo pressentindo toda a responsabilidade que a eternidade pode fazer pesar sobre os seus ombros humanos. Refletindo sobre a sua própria existência, tomando consciência de si próprio, não quer mais se enganar e muito menos desesperar da sua fraqueza; ao contrário, aceita finalmente o maior dos desafios que pessoa alguma, além dele mesmo, poderia lançar: quer desesperadamente ser si próprio.

Contudo, mesmo que mais próximo da salvação do que qualquer outro, ainda aqui nosso desesperado desespera, pois que em momento algum deixou de desesperar. Desespera porque a consciência que tem do seu próprio eu é, por assim dizer, invertida: neste desesperado o eu é negativo.

O seu eu é negativo porque, negando-se a aceitar que foi fundado por uma força que não a sua, crê-se capaz de, por si mesmo e ao seu bel-prazer, criar a si próprio. Ademais, o seu eu é infinitamente negativo porque nosso desesperado, desconhecendo quaisquer limites e necessidades e sabendo gozar de um eu eterno, tenciona moldar o seu eu de acordo com as inúmeras possibilidades que se lhe apresentam. Sendo assim, carecendo de qualquer tipo de coerção externa que determine o seu eu, nosso desesperado começa a fantasiar as mais variadas formas de ser ele mesmo, pois que qualquer eu poderia ser o seu eu, se isso de fato lhe aprovesse. Julga-se capaz de escolher ser qualquer eu, sendo o único limite o tamanho da sua imaginação – que, aliás, é infinita. O seu desafio passa a ser então formular por sua própria conta, a partir dessa forma infinita que é o eu negativo, um eu que melhor se adapte a ele mesmo ou que satisfaça os seus gostos.

¹⁰³ Ibid., p.232.

Com auxílio dessa forma infinita o eu quer, desesperadamente, dispor de si, ou, criador de si próprio, fazer do seu eu o eu que quer ser, escolher o que admitirá ou não o seu eu concreto.¹⁰⁴

Ao se rebelar contra o poder que o criou, ao não aceitar os limites que este mesmo poder traçou ao criá-lo, este desesperado lança um duplo desafio: desafia-se a si mesmo, visto que quer construir por suas próprias forças, como que partindo do zero, o eu que deseja ser (mesmo que o custo disso seja negar o eu que esse desesperado já é), e desafia a Deus, porquanto não o reconhece como o mantenedor da sua síntese, do seu eu. Vemos, deste modo, quão delicada é a situação desse nosso desesperado, pois que o desafio do seu desespero se tornou a sua própria armadilha: anseia por construir ele mesmo o seu eu, mas, no seu afã, se esquece que se não o edificar em bases sólidas não tardará muito a desmoronar.

Podemos distinguir, ainda no que diz respeito ao desespero no qual se quer ser si próprio, duas espécies de eu: um *eu ativo* e um *eu passivo*. Do eu ativo poderíamos dizer que se trata de um eu um tanto quanto narcisista, na medida em que, querendo ser desesperadamente si próprio, não faz outra coisa senão se contemplar e se esgotar em experiências nas quais tenta realizar-se, construir-se. Apesar de este eu atribuir um grande valor às suas experiências e desfrutar, até mesmo, de algum prazer ao realizá-las, a verdade é que elas são, a despeito dos seus mais sinceros esforços, sempre malogradas, porque são frutos da arbitrariedade deste eu. Por carecer de bases sólidas, visto que se recusa a reconhecer a superioridade da força que o criou, este eu é inconstante, não sendo a sua aparente autossuficiência mais do que um mero embuste. Sendo assim, toda e qualquer experiência que este eu venha a realizar com o intuito de se criar será sempre supérflua e destituída de uma autêntica seriedade, pois que tão-logo acabe de criar a si próprio se sentirá terrivelmente entediado e tentado a reinventar-se, já que ele é a sua própria medida.

Por sua vez, as principais características do eu passivo são o seu sofrimento e a sua resignação diante da vida. O eu passivo é aquele que diante das misérias da existência escolhe incorporá-las definitivamente à sua eternidade, porque crê que não poderia ser de outra forma, que é esta afinal a sua sorte e que, além disso,

¹⁰⁴ Ibid., loc. cit.

sequer tem o direito de reclamar, pois que poderia ser pior. Contudo, o eu passivo se assemelha num aspecto ao eu ativo: ambos são orgulhosos. Nem um nem outro procuram qualquer tipo de ajuda para constituírem o seu eu; desejam, por si sós, construí-los, nem que isso implique, como no caso do eu passivo, em comungar com as desgraças que se lhe abatem, e isso a tal ponto que passa a ser impossível, uma vez juntos, separar este eu passivo das suas desgraças. O eu passivo é incapaz de clamar por auxílio, ainda mais se desconfiar que o socorro deve vir daquilo que justamente ele se nega a aceitar, nomeadamente, Deus.

Habitualmente, o homem que sofre nada deseja tanto como ser auxiliado, mas duma certa maneira. Se o socorro é dado dentro da forma em que o deseja, de boa vontade o aceita. Mas num sentido bem diversamente grave, quando se trata dum socorro superior, do socorro de cima... dessa humilhação de ter de aceitá-lo sem condições, não importa como, ser como um nada na mão do ‘Socorredor’, a quem tudo é possível, ou que se trate apenas da obrigação de ceder ante o próximo, de renunciar a si próprio: ah! quantos sofrimentos, então, ainda que longos e tormentosos, o eu não acha contudo tão intoleráveis como isso, e consequentemente prefere, sob reserva de permanecer ele próprio.¹⁰⁵

No entanto, a complexidade do eu passivo não se esgota aqui. À medida que a sua consciência (quanto a si próprio e ao seu desespero) cresce, mais intenso se torna o seu desespero, deixando-o a um passo daquilo que Anti-Climacus chama de *desespero demoníaco*, que é a forma mais funesta de desespero. Nesta forma de desespero, o eu não só se resigna a sofrer, mas se apega à sua dor; não só a incorpora, mas se identifica com ela. E, como se isso não fosse o suficiente, faz da sua desgraça motivo de vaidade – e em grau infinitamente superior do que o faz aquele desesperado que se desespera quanto à sua eternidade. Acha-se superior ao resto dos homens porque tivera o privilégio de compreender que a dor é a regra, e não a exceção. E mesmo se alguém pudesse lhe oferecer socorro, este desesperado não o aceitaria, porque neste caso apaziguar a sua dor seria o mesmo que extirpar o seu eu, pois que sem as suas dores ele não é nada. Este desesperado tem mesmo prazer em exhibir as suas chagas espirituais por aí – chagas estas que ele próprio abre –, porque esta é a sua maior prova de que se realmente existe um Deus que o criou, este Deus não vale nada, pois que não se importa nem um pouco com ele, reservando-lhe nesta vida nada além de tormentos e desgraças. O seu ódio a Deus é revelador do seu orgulho, porque quer mostrar por meio das suas feridas que

como criador de si próprio faria melhor trabalho que ele. O seu intuito é ofender a Deus, dizê-lo incompetente, mesmo que o preço disto seja a sua própria ruína – ruína esta aliás na qual exultaria em viver.

Precisamente por causa da sua revolta contra a existência, o desesperado gaba-se de possuir uma prova contra ela e contra a sua bondade. Julga ser ele próprio essa prova, e, visto querer sê-la, quer portanto ser ele próprio – sim, com o seu tormento! – para, por meio desse próprio tormento, protestar toda a vida.¹⁰⁶

Assim, temos por finalizada a tarefa de apresentar as diversas formas por meio das quais o desespero pode apresentar-se, isto se o considerarmos exclusivamente sob a categoria da consciência. Começamos por descrever as formas mais inferiores de desespero até chegarmos à mais intensa, nomeadamente, a do desespero demoníaco. Vimos, primeiramente, o desespero que se ignora ou desespero inconsciente. Logo em seguida, passamos para o desespero consciente da sua existência, o qual se ramifica em duas formas: desespero no qual se quer ser si mesmo e desespero no qual não se quer ser si mesmo. Dentro desta última forma de desespero, também conhecida como desespero-fraqueza, encontramos ainda duas subformas: o desespero do temporal ou duma coisa temporal e o desespero quanto ao eterno ou de si próprio. Vimos também que esta última forma de desespero (desespero quanto ao eterno) transforma-se, por um processo dialético, no desespero no qual queremos ser nós próprios ou desespero-desafio. Por fim, tivemos que o desespero-desafio pode assumir três formas distintas: ativa, passiva e demoníaca, sendo esta última um desdobramento da passiva.

3.3. Desespero e salvação

Quem quer que se recuse a admitir a sua condição desesperada, quem quer que insista em mantê-la nas profundezas da sua inconsciência, este estará infinitamente longe da sua própria salvação, posto que não faz mais do que alimentar esta terrível enfermidade ao invés de tentar extirpá-la do seu espírito. Nesse sentido, torna-se urgente que o homem se reconheça na sua condição

¹⁰⁵ Ibid., p.234.

¹⁰⁶ Ibid., p.236.

fundamental, em outras palavras, como ser desesperado que é, porque é somente através desta atitude extrema que ele poderá dar início ao seu processo de cura.

Admitir a si mesmo que se tem um espírito e, mais ainda, que esse espírito se encontra doente, é uma atitude extrema porque ao se fazer isso rompe-se com um estado ordinário de existência, um estado no qual se ignora a sua própria condição e no qual se está cego e surdo para as coisas do espírito; no qual, por fim, negligencia-se com a máxima leviandade a porção de eternidade que existe em cada um de nós. Em poucas palavras: sem doença não pode haver cura.

O homem desesperado, autenticamente desesperado, não se desespera de algo qualquer, de algum fenômeno que lhe é exterior e cuja natureza é contingente, como poderia se imaginar. Não se desespera porque a vida lhe infligiu com a sua mão pesada a mais triste das sortes nem porque todos lhe viraram as costas quando mais precisava. Não se desespera porque não consegue achar uma saída para os seus problemas – que são tantos e tão grandes! – nem porque acha que nada mais lhe cabe nessa vida a não ser dor e decepções. Pois ainda que essas coisas possam sim causar demasiado sofrimento a qualquer um, beirando mesmo a algo insuportável, ainda assim não se pode falar propriamente de desespero. A fonte do desespero não está no mundo, mas antes no próprio eu, no espírito. Esta é a verdadeira face do desespero: e é sobre este desespero, que é o desespero do espírito, o qual Anti-Climacus nos descreve.

O desesperado desespera do seu eu porque anseia por ser um eu que, de fato, não é. Ele se desespera por querer ser si mesmo – não o seu eu verdadeiro, mas um eu que deseja ser, fruto da sua própria imaginação. Não vê ou não quer aceitar que já é o eu que tem de ser, e que este eu é instaurado não por ele próprio, mas por um poder superior. Não entende que basta tão-somente atualizar na sua própria existência, em meio à temporalidade, a sua porção de eternidade, o seu espírito. É incapaz de enxergar que já possui aquilo de que tanto necessita, isto é, ser ele mesmo. Age como aquele tolo que se esquecendo que pôs os óculos assim que acordou, logo pela manhã, anda a procurá-lo por toda a casa durante a tarde. Age como um tolo, é verdade, mas está muito à frente daquele que nem sequer se põe à procura, porque para este último a possibilidade de salvação encontra-se infinitamente mais distante.

A suprema contradição do desesperado é justamente querer ser ele mesmo às custas de não ser o eu que já é. O desesperado quer a todo custo sacrificar a sua

autenticidade, a sua natureza eterna, em favor de uma inautenticidade construída por ele mesmo. Quer edificar torres de vidro e montar guarda nelas. Quer conduzir a sua existência através de caminhos mentirosos, equivocados, de falsa segurança. E, contudo, a despeito de todos os seus esforços, o homem é incapaz de deixar de ser si mesmo: daí todo o seu desespero. “Quem desespera quer, no seu desespero, ser ele próprio”,¹⁰⁷ afirma Anti-Climacus.

Aquilo que o homem é, aquilo que cada um de nós é, não pode ser substituído ou modificado de forma arbitrária, unicamente porque assim o queremos. O nosso espírito se funda numa instância superior, pela qual é sustentado e sem a qual nada seria, e sobre a qual não possuímos qualquer tipo de controle. Cabe ao homem tomar consciência desta sua condição profunda – a de estar submetido a algo que o ultrapassa – e, dessa forma, agir de acordo com a sua própria vocação, isto é, atender ao chamado do seu eu. Todo homem já é o que precisa ser: a sua existência só será plena se conseguir entender isto. No entanto, chegar a este entendimento não é nem um pouco fácil e requer muito de qualquer um. Se assim não fosse, não haveria o desespero.

O desespero passa a ser então uma porta aberta para a salvação do homem, na medida em que ele o desperta para a possibilidade de algo melhor no seio mesmo da existência, mas que só é possível porque junto com este mal advém também a possibilidade de uma cura do espírito. Tem-se, enfim, que estar atento ao seu eu verdadeiro, à sua vocação eterna e, dessa maneira, cumprir na sua existência, e na vida de cada um em particular, aquilo que o espírito espera de nós e que não é outra coisa senão uma existência autêntica, porque se reconhece sustentada e querida pela Providência.

A salvação se dá, pois, quando o indivíduo, desperto pelo seu próprio desespero, vai ao encontro daquela possibilidade que dentre todas as outras lhe é a mais própria ou, em outras palavras, relacionando-se consigo na sua mais íntima subjetividade e, conseqüentemente, com a força que o fundamenta e o mantém torna-se finalmente si mesmo.

Portanto, agora que este capítulo se encontra no seu fim, já é hora de retomarmos a nossa analogia com Jacó, personagem bíblico cujo percurso é idêntico ao do desesperado: fugindo da sua terra natal e de si próprio, visto que se

¹⁰⁷ Ibid., p.200.

encontrava perseguido e em grande aflição, se depara, no meio do caminho, durante a noite mais escura da sua vida, com um homem estranho contra o qual se põe a lutar numa luta de vida ou morte. Luta incansavelmente durante toda a noite e, ao vencer, pede que o homem o abençoe, pois que havia conquistado esse direito. O homem, derrotado, o abençoa, dando-lhe não só uma nova vida, mas um novo nome para selá-la. Disse: *Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste*. Sim, o desconhecido era o próprio Deus, e o chama de Israel porque este nome quer dizer *Deus luta*.

Jacó lutou contra Deus e os homens e prevaleceu e, por isso, a sua vida foi salva. *Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva*, exulta Jacó. Assim, a noite mais escura da sua vida se tornou a mais luminosa, porque foi naquela noite que ele se encontrou; e justamente quando se achava mais longe de Deus é que pôde travar uma luta corpo a corpo com ele... e vencer.

[...] E, contudo, é preciso que o homem se afaste ainda mais de Deus, e dê um passo que transforme a sua natureza, para assim lhe poder falar, e ser ouvido; para assim lutar *cominus* [corpo a corpo] é preciso que seja *eminus* [de longe]; tal é a extravagância acústica do mundo espiritual, o bizarro das leis que regulam as distâncias! É desde a maior distância de Deus que o homem lhe pode fazer ouvir este: Não! O homem nunca é tão familiar com Deus como quando está longe dele, familiaridade que só pode nascer do próprio afastamento! na vizinhança de Deus não se pode ser familiar, e a sê-lo, é sinal de que se está longe. Tal é a impotência do homem em face de Deus!¹⁰⁸

Por trás de todo ato desesperado há um clamor pela salvação, uma tentativa desesperada de se salvar. Kierkegaard, como bom cristão que era ou que pretendia ser, afirmará que a salvação se encontra unicamente na fé. A mesma fé que move Abraão ao cimo do monte Moriá e a depositar todos os seus sonhos e expectativas no absurdo. Kierkegaard encarrega Johannes de Silentio, homem de um profundo lirismo e que nutre a mais alta admiração por Abraão – muito embora não seja capaz de compreendê-lo –, da difícil e sublime tarefa de elogiar a fé e aquele a quem se chama o pai da fé.

¹⁰⁸ Ibid., p.268.